

TERRY GOODKIND

# A PRIMEIRA REGRA DOS FEITICEIROS

Parte I

Traduzido por  
Ângelo dos Santos Pereira

# Capítulo 1

Era uma trepadeira estranha. As folhas, de variadas cores escuras, cresciam à volta de um talo que estrangulava o tronco liso de um abeto balsâmico. A seiva escorria do tronco ferido e, no ar frio e húmido da manhã, os galhos secos pendiam como se a árvore estivesse a gemer. Ao longo da trepadeira brotavam vagens que pareciam estar discretamente à procura de espectadores.

Foi o cheiro que começou por chamar a atenção de Richard, um cheiro a decomposição extremamente repugnante. O jovem passou os dedos pelo cabelo denso enquanto a sua mente abandonava a névoa de desespero e se concentrava na trepadeira. Procurou outras, mas não havia mais nenhuma. Tudo o resto parecia normal. Os áceres da zona superior da floresta de Ven já estavam tingidos de vermelho e agitavam orgulhosamente o manto novo ao ritmo da brisa suave. Agora que as noites estavam cada vez mais frescas, os seus homólogos da floresta de Hartland não tardariam a imitá-los. Os carvalhos, que eram os últimos a ceder à estação, ainda exibiam heroicamente a folhagem verde.

Tendo passado a maior parte da sua vida na floresta, Richard conhecia todas as plantas quer pelo nome, quer pelo aspeto. Quando era pequeno, o seu amigo Zedd levava-o consigo sempre que ia em busca de determinadas ervas. Explicava-lhe quais devia procurar, onde cresciam e porquê, e nomeava tudo quanto viam. Algumas vezes limitavam-se a conversar e o velho nunca deixava de o tratar como um igual, respondendo a todas as suas perguntas. Zedd despertara nele a fome de aprender e de saber.

Mas Richard só tinha visto aquela trepadeira uma vez na vida, e não fora na floresta. Encontrara um rebento em casa do pai, num frasco de barro azul que ele próprio fizera em criança. O pai de Richard era comerciante e viajava muito com o intuito de adquirir objetos exóticos e raros. Com frequência, era abordado por pessoas abastadas, que se interessavam pelos produtos que vendia. Aparentemente, aquilo que mais lhe agradava não era tanto a descoberta em si, mas a busca, e não lhe custava desfazer-se de nenhum objeto, pois isso permitia-lhe partir à procura de mais coisas.

Desde muito novo que Richard se habituara a passar o tempo com Zedd durante as ausências do pai. O seu irmão Michael, alguns anos mais velho, nunca se interessara pela floresta ou pelos ensinamentos de Zedd, preferindo a companhia de pessoas ricas. Há cinco anos que Richard abandonara a casa paterna a fim de viver sozinho, mas, ao contrário do irmão, continuava a visitar o pai. Michael estava permanentemente ocupado e nunca tinha tempo para visitas. Sempre que saía em viagem, o pai deixava a Richard mensagens no frasco azul, contando as últimas novidades, alguma bisbilhotice ou algo que vira noutras paragens.

Três semanas antes, assim que Michael lhe comunicara que o pai fora assassinado, Richard deslocara-se à casa paterna. O irmão tentara demovê-lo, explicando-lhe que não iria adiantar de nada, mas a época em que Richard fazia tudo que o Michael mandava tinha ficado para trás. A fim de o poupar ao sofrimento, o povo não o deixara ver o corpo, mas as grandes manchas e poças de sangue castanho e seco no soalho de madeira tinham bastado para lhe revolver o estômago. Quando se aproximara, os presentes calaram-se e limitaram-se a dar-lhe as condolências, o que apenas intensificara a enorme dor que sentia. Não obstante, ouvira-os murmurar acerca de histórias e rumores de coisas que chegavam da Fronteira.

Falavam de magia!

Ficara chocado com o estado da pequena casa do pai; era como se esta tivesse sido atingida por uma tempestade. Só alguns objetos continuavam intactos: um deles era o frasco azul dos bilhetes. No seu interior, Richard encontrara o rebento da trepadeira, que

guardava agora no bolso. Não fazia a menor ideia do que o pai quisera dizer-lhe com aquilo.

Dominavam-no a dor e a tristeza e, embora ainda tivesse um irmão, sentia-se abandonado e sozinho no mundo. Era adulto, mas achava-se desamparado, sentimento que já tinha experimentado na infância aquando da morte da mãe. Apesar de o pai se ausentar com frequência, por vezes durante semanas, sabia que estava algures e que em breve regressaria a casa. Agora nunca mais iria voltar.

Michael não o deixara participar na busca do assassino. Afirmara que colocara os melhores batedores do exército no terreno e que Richard devia manter-se à margem, para seu próprio bem. Por conseguinte, não lhe mostrara o rebento. Durante três semanas, percorrera todos os trilhos da floresta de Hartland sozinho, inclusive os que quase ninguém conhecia, mas não encontrara a trepadeira.

Por fim, contrariando o que lhe ditava a razão, resolvera seguir a intuição e dirigira-se para a parte superior da floresta de Ven, que ficava junto à Fronteira. Não conseguira livrar-se da sensação de que, de alguma maneira, conhecia os motivos que tinham dado origem ao assassinio do pai. Os sussurros que ouvia na sua cabeça atormentavam-no com pensamentos que lhe escapavam no último segundo, rindo-se da sua incapacidade de ver o que estava diante dos seus olhos. Richard tentara convencer-se de que nada daquilo era real, de que o seu sofrimento lhe estava a pregar partidas.

Acreditava que quando descobrisse a trepadeira obteria respostas, mas agora que a encontrara não sabia o que pensar. Os sussurros tinham deixado de o provocar e começado remoê-lo. Sabia que era apenas a sua mente a trabalhar e tentou parar de pensar nos pensamentos como se tivessem vida própria. Zedd ensinara-o a ser mais sensato do que isso.

Olhou para o grande abeto que agonizava. A trepadeira estava a destruí-lo. Já não podia fazer nada pelo pai, mas não ia permitir que a planta provocasse outra morte. Agarrou-a com força, puxou-a e, com os músculos poderosos, arrancou as gavinhas do tronco da árvore.

Foi então que o inesperado aconteceu.

Uma das vagens atacou-o e picou-lhe as costas da mão esquerda, fazendo-o dar um salto para trás, em sobressalto. Examinando o pequeno ferimento, viu o que lhe pareceu ser um espinho cravado na carne. Já não lhe restavam dúvidas: a trepadeira era um sinónimo de problemas. Estendeu a mão para a faca a fim de remover o espinho, mas não a encontrou. Depois da surpresa inicial, repreendeu-se por ter deixado que o seu estado de espírito o tivesse feito esquecer algo tão básico como levar uma faca para a floresta. Não dispondo de outra alternativa, tentou retirar o espinho com as unhas, mas este, como que animado de vida própria, contorceu-se e cravou-se ainda mais profundamente na carne. Quanto mais remexia na ferida, mais o espinho se enterrava. Ao sentir-se subitamente invadido por uma onda de náuseas, deteve-se. O espinho havia desaparecido; da mão ferida pingava sangue.

Olhando em redor, Richard vislumbrou as folhas arroxeadas de um pequeno viburno carregado de bagas azul-escuras. Por baixo do arbusto, junto a uma das raízes, descobriu aquilo que procurava: um aum. Aliviado, arrancou cuidadosamente o tenro talo da planta pela base e esfregou-o de maneira a que o líquido caísse sobre a ferida. Sorriu enquanto agradecia mentalmente a Zedd por lhe ter ensinado que o aum ajudava a curar mais rapidamente os ferimentos. Sempre que via aquelas folhas suaves cobertas de algodão lembrava-se do seu velho amigo. A seiva do aum anestesiou-lhe o corte, mas não extraiu o espinho. Ainda o sentia a contorcer-se e a cravar-se-lhe mais profundamente na mão.

Aninhou-se e, com os dedos, fez um buraco no chão, colocou o aum no interior e prendeu o talo com terra para que pudesse voltar a crescer.

De repente, a floresta ficou silenciosa. Richard ergueu os olhos e encolheu-se ao ver uma grande sombra escura saltar por cima dos ramos e das folhas. O ar foi invadido por um sussurro sibilante. O tamanho da sombra era assustador. Os pássaros, abrigados nas árvores, voaram em todas as direções com gritos de alarme. Richard continuou a olhar para cima, tentando distinguir a origem da sombra por entre as aberturas na folhagem verde e dourada. Por momentos viu um vulto enorme e vermelho. Não sabia o que podia ser,

mas estremeceu ao recordar-se dos rumores acerca dos seres que vinham da Fronteira.

*A trepadeira era um problema*, pensou para si, *e aquela coisa no céu também*. Lembrou-se então do dito popular de que não há dois sem três e teve a certeza de que não queria deparar-se com o terceiro problema.

Procurando ignorar o medo, desatou a correr. *É só conversa de gente supersticiosa*, disse para si próprio, e tentou pensar nalguma ave que pudesse ser tão grande e vermelha. Mas não existiam aves daquele tamanho. E por mais que tentasse convencer-se do contrário, sabia que também não fora uma nuvem ou um artifício da luz.

Sem parar de correr, levantou a cabeça para localizar a sombra e dirigiu-se para o trilho que circundava a encosta. Sabia que do outro lado da vereda havia uma descida íngreme de onde poderia observar o céu sem o empecilho das árvores. Os ramos, ainda molhados pela chuva da noite anterior, batiam-lhe no rosto enquanto corria pela floresta, saltando por cima de troncos caídos e de pequenos regatos que se insinuavam por entre as pedras. As silvas prendiam-se-lhe nas calças e os raios de sol filtrados pelas folhas convidavam-no a olhar para cima, ao mesmo tempo que o impediam de ver o que quer que fosse. A sua respiração era ofegante; um suor frio escorria-lhe pela cara e o coração batia-lhe a toda a velocidade enquanto descia pela encosta sem afrouxar o passo. Por fim, saiu de baixo das árvores e quase caiu ao entrar no trilho.

Perscrutando o céu, viu algo muito distante e já demasiado pequeno para que pudesse ser identificado, mas pareceu-lhe reconhecer a forma de asas. Semicerrou os olhos e, protegendo-os da intensa luz com uma mão, tentou certificar-se de que eram mesmo asas a mover-se. Mas a sombra deslizou para trás de uma colina e desapareceu. Nem sequer teve tempo de averiguar se era realmente vermelha.

Sem fôlego, deixou-se cair sobre uma rocha de granito situada num dos lados do trilho e pôs-se a arrancar distraidamente os ramos mortos de uma jovem árvore enquanto contemplava o lago Trunt. Talvez fosse melhor contar a Michael o que sucedera, falar-lhe da trepadeira e da criatura vermelha no céu. Não obstante, sabia que

o irmão se riria daquela última parte. Como ele próprio também já fizera.

Não, Michael ficaria furioso se descobrisse que ele se aproximara da Fronteira, contrariando as suas indicações de não tomar parte na busca do assassino. Sabia que o irmão se preocupava consigo, caso contrário não estaria sempre a repreendê-lo. Agora que era adulto podia ignorá-lo a esse respeito, embora tivesse de continuar a suportar-lhe os olhares de desaprovação.

Partiu outro ramo e, dominado pela frustração, atirou-o contra uma rocha plana. Decidiu que não devia sentir-se alvo de tratamento diferenciado por parte do irmão. Afinal de contas, Michael estava sempre a dar ordens a toda a gente, inclusive ao pai.

Afastou da mente as duras críticas ao irmão. Aquele era um dia muito importante para Michael, uma vez que ia assumir o cargo de Primeiro Conselheiro. Ficaria à frente de tudo: não só da cidade de Hartland, como até então, mas também de todas as cidades e aldeias da Terra Ocidental, e das áreas campestres. Seria responsável por tudo e por todos. Precisava do seu apoio e merecia-o, pois também perdera o pai.

Durante a tarde realizar-se-ia uma cerimónia e uma grande celebração na casa de Michael, na qual compareceriam pessoas importantes vindas de todos os cantos da Terra Ocidental. Richard também fora convidado. *Ao menos haverá boa comida*, pensou, tomando subitamente consciência de que estava faminto.

Ali sentado, olhou para o lado oposto do lago Trunt, mais abaixo. Da altura em que se encontrava, a água transparente permitia-lhe ver zonas rochosas e outras áreas repletas de vegetação subaquática em torno de buracos profundos. O caminho de Hawkers serpenteava por entre as árvores e seguia junto à água, tornando-se claramente visível nalguns pontos. Percorrera muitas vezes aquela parte do trilho. Na primavera, a terra próxima do lago ficava molhada e lamacenta, mas naquela fase avançada do ano devia estar seca. Mais a norte e a sul, o caminho atravessava a floresta de Ven, aproximando-se perigosamente da Fronteira. Por essa razão, a maioria dos viajantes evitava-o, optando pelos trilhos da floresta de Hartland.

Richard era guia florestal e o seu trabalho consistia em conduzir

com segurança os viajantes pela floresta. A maior parte desses viajantes eram dignitários, mais interessados no prestígio de contar com os serviços de um guia local do que numa verdadeira orientação.

Os seus olhos detetaram movimento. Sem saber o que era, esquadrinhou um ponto situado na extremidade mais afastada do lago, onde o caminho passava por detrás de um conjunto de árvores. Nesse momento teve a certeza: era uma pessoa. Talvez fosse um outro amigo seu, Chase. Quem mais se atreveria a andar por ali a não ser um guardião fronteiriço?

Saltou da rocha, afastou os ramos e deu alguns passos em frente. A figura avançou pelo caminho e emergiu num local sem árvores, à beira do lago. Não era Chase, mas sim uma mulher. De vestido. O que fazia uma mulher ali sozinha, ainda para mais com uma indumentária tão pouco apropriada? Observou-a a caminhar junto à margem, desaparecendo e reaparecendo no trilho. Não parecia estar com pressa, mas também não andava propriamente a passear. Movia-se com o passo ritmado de um caminhante experiente. Fazia sentido, pois ninguém morava nas imediações do lago Trunt.

Um outro movimento chamou a atenção de Richard e levou-o a fixar-se nas sombras. Três... não, quatro homens cobertos com mantos e capuzes verdes seguiam-na à distância. Moviam-se cautelosamente, escondendo-se atrás das pedras e das árvores. Espiavam. Esperavam. Avançavam. Richard endireitou-se, de olhos arregalados e extremamente atento.

Aqueles homens estavam a perseguir a desconhecida!

Nesse momento teve a certeza: encontrava-se perante o terceiro problema.